

INFORMA-SE

Uma publicação do Instituto Genildo Batista

“Não há proa que corte uma nuvem de ideias”



O que disse
o Presidente
de Cuba, Miguel
Díaz-Canel
na Coletiva
de Imprensa em
05/02/2026?

O INFORMA-SE número 45 traz uma parte da importante conversa do presidente de Cuba Miguel Díaz-Canel Bermúdez com representantes da imprensa cubana e internacional sobre “a situação do país, o impacto das medidas mais recentes decretadas por Trump, o apoio da comunidade internacional à ilha, as suas relações com a Venezuela, a estratégia para sair da crise atual, bem como a posição da nação sobre um possível diálogo com o governo norte-americano”.

Confira a conversa na íntegra, que teve como moderadora Arleen Rodríguez Derivet, em:
<https://www.youtube.com/watch?v=PLjbrLbwjfM>

Inicialmente Diaz-Canel reitera os cumprimentos, agradece a todos que, num momento tão complexo como o que o país está a viver, se interessaram em ter este encontro. Encontro que “nos deu a oportunidade de poder explicar todo um conjunto de temas, quais são as projeções, quais são as maneiras pelas quais estamos a procurar sair desta situação no menor tempo possível e, acima de tudo, com que disposição, com que vontade e também com que empenho.

Solicitamos que leiam, debatam e divulguem o INFORMA-SE número 45

Em suas palavras iniciais, Diaz-Canel ressaltou, também, que “nós estamos cientes de que há preocupações na população por tudo o que tem acontecido, por todas as intensas campanhas midiáticas de calúnia, ódio e também de guerra psicológica que se tenta impor neste momento.

Arleen afirmou “você nos disse ao chegar que acabaram de ter uma reunião importante”. E o presidente Diaz-Canel prosseguiu dizendo: “isso também marcou o fato de termos de **definir um conjunto de prioridades**, tivemos de fazer uma série de avaliações no Bureau Político, no Comitê Executivo do Conselho de Ministros, no Conselho de Defesa Nacional, e agora acabamos de ter uma reunião no Conselho de Ministros também para **atualizar um plano em particular**, o que estivemos a ver no Conselho de Ministros foram as **diretrizes do governo para enfrentar uma grave escassez de combustível**. E vocês compreenderão precisamente por que estamos a falar sobre esse assunto”.

Em seguida Arleen passa a palavra para Oliver Zamora, da RT, Russia, que pergunta sobre dois assuntos: “Primeiro, sobre a retórica do colapso que começou a se fortalecer desde o governo dos Estados Unidos, desde o seu presidente Donald Trump, é claro, repetida pelos meios de comunicação afins a este governo, após os acontecimentos de 3 de janeiro. Gostaria, se possível, de aprofundar um pouco sobre qual é realmente, ou qual era realmente, o nível de dependência que existia entre os dois governos, o que se pode esperar nas relações bilaterais agora entre Cuba e Venezuela”.

E Oliver prossegue com o segundo assunto: “toda a onda de solidariedade que Cuba tem recebido”. Ele quer saber se “essa solidariedade, até agora, no nível do discurso, poderia também se converter em uma solidariedade mais prática, apesar das ameaças dos Estados Unidos”.

O que diz Diaz-Canel sobre as perguntas de Oliver a respeito das relações Cuba Venezuela e da Solidariedade Internacional a Cuba?

Bem, eu acho que a **teoria do colapso, e a insistência no colapso**, está muito relacionada com a teoria do Estado falido e com todo um conjunto de construções com as quais o governo dos Estados Unidos tem tentado caracterizar a situação cubana. E precisamente esta teoria do colapso está associada a uma das correntes, ou a uma das direções, nas quais o governo dos Estados Unidos se empenha para derrubar a Revolução Cubana.

E eu digo que há duas direções fundamentais. A **asfixia económica**, que remonta aos anos 60 com o memorando de Mallory, e a **agressão militar**. E isso está muito bem sintetizado em uma das declarações do presidente dos Estados Unidos nos últimos tempos. Quando, na primeira parte de uma frase, ele disse que tinham aplicado contra Cuba todas as pressões possíveis, reconhecendo então que não há um Estado falido, que o que há é um Estado que teve de enfrentar com muita resistência as pressões máximas, não de qualquer um, mas as pressões máximas para a asfixia econômica, da principal potência do mundo.

Ao falar das pressões máximas impostas a Cuba pelos Estados Unidos, Diaz-Canel ressalta que não são pressões de qualquer um, mas “de uma potência, além disso, que tem uma base imperial e um propósito hegemônico de dominação.

E citando a frase de Trump, continua respondendo às perguntas do Oliver, afirmando que “por outro lado, há a agressão militar quando, na segunda parte dessa frase, ele diz que não havia outra coisa a fazer a não ser tomar o lugar e arrasar, ocupar o lugar e arrasar.

“E eu acredito que temos na nossa história, nos 67 anos de Revolução, com o surgimento do bloqueio, presente essa teoria da asfixia econômica, esse propósito de asfixia econômica.

Vivemos, eu sempre digo, todas as gerações de cubanos que nascemos nos primeiros anos da Revolução, até as mais atuais, os nossos netos, os nossos filhos, nascemos e vivemos bloqueados.

E nascemos sob os sinais dessa asfixia econômica.

Sempre tivemos carências, sempre tivemos dificuldades complexas, sempre tivemos que funcionar em meio a vicissitudes, imposições e pressões que não são impostas a ninguém no mundo, e muito menos de uma forma tão prolongada.

E aí estão os exemplos das coisas que vivemos.

E o Presidente de Cuba, Miguel Diaz-Canel Bermúdez, prossegue afirmando....

O que acontece é que eu acredito que o colapso está na mentalidade, está na filosofia imperial, mas não está na mentalidade dos cubanos. O colapso não pode ser associado apenas às pressões e intenções de um governo imperial.

Na nossa visão diante do colapso está o conceito de resistência, de resistência criativa, que tem a ver com a defesa das ideias em que acreditamos, com a defesa das convicções, nas quais acreditamos com convicção de vitória, nas quais também acreditamos.

Portanto, não sou idealista, sei que vamos viver tempos difíceis, já vivemos tempos difíceis. Estes em particular são muito difíceis, mas vamos superá-los juntos, com resistência criativa, com o esforço e o talento de todos os cubanos ou da maioria das cubanas e dos cubanos.

A relação com a Venezuela não pode ser classificada como uma relação de dependência. Muitos tentam vê-la como uma relação de dependência entre dois países, e com isso o que fazem é restringi-la, reduzi-la a uma troca de mercadorias e serviços, e essa não é a realidade da relação que temos tido com a Revolução Bolivariana.

E se não é uma relação de dependência entre dois países, qual é a relação entre Cuba e Venezuela?

Diaz-Canel afirma:

Desde que Chávez liderou a Revolução Bolivariana, foi tecida toda uma relação de cooperação, de colaboração, com princípio solidário, sobretudo de integração, de complementaridade, como dois países irmãos, amigos, podiam aproveitar as potencialidades de cada um em função dessa integração, dessa complementaridade.

E por isso surgiu há mais de 25 anos o acordo de colaboração entre Cuba, um acordo de colaboração integral.

E por que integral?

Porque abrange muitas esferas. Abrange temas de **energia**, temas de **soberania alimentar**, temas de **educação**, de **educação superior**, **alfabetização**, **formação de quadros**, **formação de recursos humanos**.

Há também temas que têm a ver com a **indústria**, com a **mineração**, com as **telecomunicações**, com o **intercâmbio cultural**, com o **intercâmbio político** também.

E isso transcendeu as relações entre Cuba e Venezuela.

Quais os frutos da relação entre Cuba e Venezuela?

Diaz-Canel afirma...

Nessa relação e nesse acordo, lembrem-se que quatro anos depois surgiu a ALBA-TCP, que já foi levar as concepções dessa relação a um grupo de países no âmbito da América Latina e do Caribe.

Posteriormente, a ALBA-TCP apoiou também a Petrocaribe, que era um grupo de projetos também com foco na energia, mas com ênfase no social, na justiça social, na equidade, nas oportunidades e no benefício e desenvolvimento dos povos, não apenas da Venezuela e de Cuba, mas da América Latina e do Caribe.

E aí se reflete o conceito de integração, essa integração com que sonharam Martí, Bolívar e que defenderam Fidel e Chávez, e com a qual todos nós estamos cooperando, porque há milhares de cubanos que passaram por missões que se desenvolvem no contexto deste acordo, desta colaboração.

E aí eu quero... Eu já expliquei em outras ocasiões, e é porque sinto isso, que **não há nenhum bloco de integração regional que tenha alcançado em tão pouco tempo os sucessos sociais que alcançou a ALBA-TCP**, que nasceu como parte dessa estreita relação entre Cuba e Venezuela.

Missão Milagro devolveu a visão a mais de 3,5 milhões de latino-americanos...

Diaz-Canel prossegue...

Lembrem-se de que há algo muito transcendental, eu diria muito significativo, que foi a missão Milagro, que devolveu a visão a mais de 3,5 milhões de latino-americanos que não enxergavam devido a doenças que podiam ser tratadas com outra abordagem, não com uma abordagem comercial, não com uma abordagem de riqueza, mas com uma abordagem de justiça social, com uma abordagem de equidade.

Com um método cubano, o Yo Si Puedo, de alfabetização, nesse contexto de integração, quatro países conseguiram superar o analfabetismo e se declararam territórios livres do analfabetismo.

Vocês podem me dizer, mas bem, essa é uma conquista social à qual todos aspiram. Sim, mas que ainda não foi alcançada no mundo.

Observe que na América Latina e no Caribe, desde que Cuba se declarou o primeiro território livre do analfabetismo na América Latina e no Caribe, quantos anos se passaram, quantas décadas se passaram para que outros quatro países conseguissem alcançá-la? E eles conseguiram alcançá-la precisamente com esse conceito de complementaridade e integração num sistema de relações não baseado no egoísmo, mas baseado precisamente nesses conceitos que são conceitos mais humanistas, que são conceitos de uma abordagem de não deixar ninguém para trás.

Diaz-Canel afirma ainda:

É claro que aqui se teceram relações econômicas, comerciais e projetos de colaboração muito importantes.

E um desses projetos, sobretudo na área da energia, pela prestação de serviços médicos, era compensado com combustível, uma parte importante das necessidades de combustível, não todas, mas uma parte importante. Sobretudo nos tempos mais recentes, outros momentos cobriam todas as necessidades de combustível do nosso país, mas nestes tempos já não cobriam todas, porque lembremo-nos que a Venezuela tem estado sujeita a sanções, a medidas coercivas, a pressões, e isso afetou também esse intercâmbio que se manteve em grande medida, mas que não atingiu os níveis de outros momentos.

E agora está muito afetado desde que começou o bloqueio energético, o bloqueio naval à Venezuela, que impediu a chegada de navios venezuelanos ou navios de outros países com combustível venezuelano a Cuba, e se agrava ainda mais com a ordem executiva.

Nos últimos dias, o governo dos Estados Unidos, manipulando através da ameaça de tarifas aos países que fornecem petróleo, é praticamente com esse pretexto que se converteu num bloqueio energético ao nosso país.

O futuro das relações da Venezuela está na maneira como seremos capazes de construir esse futuro a partir da situação presente. Uma Venezuela que foi agredida, que teve ilegalmente sequestrados o presidente e a sua esposa e os mantém numa prisão nos Estados Unidos.

Díaz-Canel declara:

Nós, em matéria de colaboração, não impomos colaboração.

Nós damos colaboração, partilhamos colaboração, partilhamos com solidariedade quando um governo, quando governos, quando povos de nações nos pedem.

E sob esse conceito, mantivemos ao longo destes anos essa colaboração com a Venezuela.

Todos conhecem a frase de Martí sobre o seu compromisso com a Venezuela, que todos nós assumimos; portanto, com essa terra bolivariana também temos compromissos, temos sentimentos muito intensos e, enquanto o governo venezuelano promover e defender a colaboração, Cuba estará disposta a colaborar.

A outra pergunta tem a ver com o apoio.

Acredito que, de forma imediata, houve um apoio a nível internacional.

Há várias opiniões de porta-vozes, de Ministérios de Relações Exteriores, de líderes internacionais, de movimentos que agrupam países.

Eu tinha aqui um relatório.

Eu tinha um relatório, uma cronologia de todo um grupo desde o dia 1º de fevereiro.

E Díaz-Canel prossegue citando as declarações de apoio...

Quantos sinais de apoio foram recebidos?

O movimento Morena, a porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da Rússia, Maria Zajarova, que se pronunciou várias vezes nos últimos dias, o embaixador russo na ONU, a congressista democrata Rachida Tlaib, de origem palestina e representante por Michigan, o porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da China, Wu Fijiakum, o governo da Venezuela, o ministro belga de Mobilidade, Clima e Transição Ambiental, que se manifestou nesse sentido na Câmara dos Representantes do seu país, os eurodeputados Irene Montero, de Espanha, e Mar Botenga, da Bélgica, o secretário-geral do Partido do Governo Sul-Africano, Congresso Nacional Africano, a presidência Claudia Sheinbaum, que praticamente em todas as suas manhãs responde a perguntas que têm a ver com a posição do México e o seu apoio a Cuba, o Ministério das Relações Exteriores do México, a Embaixada da China em Washington, o porta-voz do Kremlin, Dmitry Peskov, o amigo Zidulano, líder do Partido

Comunista da Federação Russa, o embaixador da Rússia na Venezuela, a Associação de Amizade Cuba-Filipinas, o representante democrata Gregory Mix, do Distrito Novo, o presidente Putin, hoje tomamos conhecimento de uma declaração do Movimento dos Países Não Alinhados e de outra declaração dos Estados-membros do grupo de amigos da defesa da Carta das Nações Unidas, e também sabemos que hoje houve conversas telefônicas entre o presidente e o secretário-geral do Partido

Comunista Chinês, Xi Jinping, com o presidente da Federação Russa, Putin, e nelas também se manifestou o apoio, o compromisso e a decisão de continuar a colaboração e a cooperação com a Venezuela e com Cuba.

E quanto aos apoios, Díaz-Canel conclui afirmando:

Isso é o que poderíamos dizer em termos gerais, que ocorreu em matéria de apoios discursivos, mas por trás desses discursos há mais coisas, coisas que também não podemos explicar abertamente hoje porque o inimigo está perseguindo todas as oportunidades que se abrem para Cuba, todos os caminhos que se abrem para Cuba, mas **posso garantir com toda a responsabilidade que Cuba não está sozinha e que, num momento como este, há muitas pessoas, governos, países, instituições, empresas que estão dispostos a trabalhar com Cuba e que já nos enviaram vias, mecanismos, intenções de como podemos fazer.**

A perseguição energética, a perseguição financeira, o recrudescimento com estas medidas coercivas é tal que sabemos que temos de fazer um trabalho muito forte, muito criativo, muito inteligente para contornar todos esses obstáculos, mas há valor num grupo de instituições, de pessoas e de governos do mundo para apoiar.

E é isso que podemos dizer ou explicar hoje por razões óbvias.

E a palavra é passada para **Claudia Fonseca, da Agência da República Popular da China, Xinhua**, que faz referência à reação à Ordem Executiva do Governo Trump e pergunta o que os países do Sul Global podem fazer por Cuba

Perante esta ordem executiva, houve manifestações, como o senhor mencionou, de rejeição a este reforço do que é o bloqueio energético. Gostaria que me comentasse o que os países do sul global poderiam fazer para apoiar Cuba concretamente nesse sentido.

A seguir os comentários do presidente Díaz-Canel

Cada vez que se observa o que está a acontecer, os aprendizados e as lições que pudemos tirar nestes dias do que aconteceu na Venezuela e da reação após o caso da Venezuela por parte do governo dos Estados Unidos em relação a Cuba e a outros, e pensa-se no que o mundo poderia fazer, porque é isso que acredito que o mundo não pode deixar-se oprimir, o mundo não pode deixar-se humilhar, o mundo não pode permitir que a força esmague o multilateralismo. E penso em temas como este, e acredito que o primeiro é que é preciso entender, os países têm que entender, os povos têm que entender o que está a acontecer.

É preciso entender que estamos enfrentando, todos no mundo, sem exceções, uma guerra que é política, que é ideológica, uma guerra que também tem um componente cultural e uma guerra que tem um componente comunicacional, midiático, um componente midiático.

E é o conceito de uma guerra não convencional, de uma guerra de quarta geração, que combina todos estes elementos e outros mais.

Por que é uma guerra ideológica?

Díaz-Canel prossegue com os comentários...

Porque se está tratando de impor o pensamento hegemônico da principal potência imperialista do mundo.

Por que é uma guerra cultural?

Porque, para que a hegemonia dessa potência prevaleça a nível mundial, é preciso romper os laços e as raízes, os laços com as raízes culturais dos povos.

É preciso fazer todas as manobras possíveis para que os povos vejam como obsoletas a sua cultura, a sua história. Estou a falar da cultura no sentido mais amplo possível.

Que as pessoas reneguem a sua identidade, que tenham vergonha da sua história, para que possam assim assimilar e impor os paradigmas e os padrões dessa filosofia hegemônica, dessa filosofia imperial.

E é uma guerra midiática porque vocês viram que todas as fases, por exemplo, Venezuela, todas as fases da agressão à Venezuela foram projetadas primeiro no transversal, sempre foi a maneira que se manipulava a opinião pública, que se manipulava a opinião pública internacional, que agiam os meios de comunicação, que agiam as redes sociais.

É uma guerra psicológica muito importante. Estão a aplicá-la contra Cuba hoje

Depressões para fraturar a unidade, para criar desconfiança, para promover incerteza.

E são elementos que demonstram a perversidade.

Então, a primeira coisa que as pessoas... Acho que os povos, os governos, os países, as nações, o sul global, têm que entender isso.

Têm de compreender o que está em disputa, quais são os cenários em que se insere essa disputa, o que nos estão a oferecer como futuro a partir deste presente tão brutal.

E então é preciso buscar a articulação, buscar a unidade, buscar uma unidade que não pode ser apenas de discurso, que tem que ser também uma unidade de ação, de denúncia constante, de buscar toda a integração em blocos possíveis, em uma frente, defendendo ideias, buscando também ações econômicas, comerciais, de cooperação, de colaboração, que defendam o multilateralismo.

E eu acredito que há blocos que estão, neste momento, assumindo a liderança nesse sentido, como é o caso do BRICS, que oferece perspectivas diferentes para o sul global.

Díaz-Canel conclui seus comentários fazendo referência à relação da China e da Rússia com os países do sul

As próprias relações da China, de potências como a China e a Rússia com os países do sul, são diferentes.

A União Eurasiática e outros blocos, o Movimento dos Países Não Alinhados, têm de desempenhar um papel fundamental nisto, o grupo dos 77.

E é conseguir uma mobilização anti-hegemônica e também com uma característica que nos tem de distinguir, porque está nos postulados deste hegemonismo, que é uma articulação antifascista.

Estão a agir como se fossem as hordas hitlerianas, quando atacam um país, quando subjugam o mundo, quando sequestram um presidente ou quando cometem ações criminosas contra embarcações, contra pessoas, de forma extrajudicial, sem qualquer elemento de legalidade.

Não me atreveria a dizer concretamente quais ações eu acho que poderia fazer, porque isso seria comprometer demais os outros, mas há um caminho, tenho certeza de que há um caminho.

O que acontece é que, para abordar esses caminhos e alcançar essa integração, todos nós também temos que nos mostrar no sul global com valor e com coragem.

Esther L González de la Fuente, do Canal Cubano de Notícias, Canal Caribe, dirige-se ao Díaz-Canel e diz “Presidente, em várias ocasiões o senhor referiu-se à oportunidade, e também à disposição, de dialogar com os Estados Unidos.

Gostaria de saber concretamente se o senhor estaria disposto a conversar com os Estados Unidos e sob quais princípios o faria e quais seriam os pontos dessa agenda.

Díaz-Canel responde...

De acordo. É preciso dizer que na história das relações entre Cuba e os Estados Unidos após o triunfo da Revolução, que se caracterizaram por uma assimetria que todos conhecemos, sobretudo essa assimetria marcante, a imposição de um bloqueio econômico, comercial e financeiro durante tantos anos, mantido e recrudescido nos momentos atuais, sempre existiu dentro dos Estados Unidos e também a nível internacional, um grupo de pessoas, um grupo de organismos que sempre favoreceram rotas, pontes, espaços de diálogo ou canais de comunicação.

E muitas vezes isso foi conseguido, e quando foi conseguido, permitiu-nos falar como iguais sobre temas em que podemos partilhar até critérios diferentes, mas são temas que devemos abordar de forma comum porque estamos na mesma área geográfica, somos vizinhos muito próximos...

Díaz-Canel prossegue citando temas sobre os quais poderia conversar com os Estados Unidos e com quais condições

... há temas migratórios, temas de segurança, temas de luta contra o narcotráfico, de luta contra o terrorismo, há temas ambientais que também têm a ver com todos os mares e tudo o que está ao redor do Golfo do México, as correntes marítimas, mas também há outros temas que têm a ver com a colaboração científica, os intercâmbios acadêmicos, há uma grande agenda de temas que podem ser abordados.

E sempre houve uma posição histórica de Cuba, uma posição que foi definida e defendida pelo Comandante em Chefe Fidel Castro, que foi continuada pelo General do Exército Raúl, e que, na minha opinião, é inalterável e invariável nos momentos atuais.

Cuba está disposta a um diálogo com os Estados Unidos, a um diálogo sobre qualquer um dos temas que se queira debater ou dialogar.

Com que condições?

Sem pressões, sob pressões não se pode dialogar. Sem pré-condições, numa posição de igualdade, numa posição de respeito à nossa soberania, à nossa independência, à nossa autodeterminação, sem abordar temas que possamos entender como ingerência nos nossos assuntos internos.

E Díaz-Canel prossegue falando sobre o diálogo com os Estados Unidos

E que a partir de um diálogo como esse se possa construir uma relação entre vizinhos, civilizada, que possa trazer benefícios mútuos aos nossos povos, aos povos das duas nações. Os cubanos e as cubanas não odiamos o povo norte-americano, reconhecemos os valores do povo norte-americano, os valores da sua história, os valores da sua cultura. Quando tivemos a oportunidade de criar espaços de encontro entre os nossos povos em diferentes setores, no setor científico, no setor desportivo, no setor religioso, no setor cultural, no setor da saúde, e até mesmo no diálogo a nível político, descobrimos que há muitas coisas em que podemos trabalhar juntos, sem preconceitos.

Que podem contribuir muito.

Ou, visto de outra forma, quantas coisas, de quantas coisas privamos ambos os povos por causa dessa política decadente, por causa dessa política prepotente, por causa dessa política criminosa de bloqueio e da persistência nesse bloqueio, a ponto de o terem recrudescido nos momentos atuais, e continuam a recrudescê-lo, continuam a apertar as porcas desse bloqueio.

E a agenda poderia ser sobre todos esses temas que discutimos. Essa é a nossa posição, é uma posição também de continuidade, e acredito que seja possível.

O representante Raciel Guanche Ledesma, do jornal Juventud Rebelde, assim como as demais pessoas que usaram a palavra, saúda o presidente.

Em seguida, Raciel diz:

Na sequência do artigo oficial publicado recentemente sobre as etapas, sobre a aprovação dos planos e medidas para a passagem ao estado de guerra, houve também preocupação na população.

E nada, queríamos saber em que momento dessa preparação para a defesa se encontra hoje o país.

Díaz-Canel responde:

De acordo, acredito que, sem dúvida, pode haver preocupação por parte da população, mas acredito que a preocupação da população é menor porque a população está a participar nisso.

A preocupação é de outros, daquele enxame anexionista que temos por aí, daqueles que começam a vacilar, daqueles que começam a mostrar-se covardes ou fracos diante das pressões e da guerra psicológica que estão a fazer contra nós, diante dos anúncios de uma possível agressão militar ou de continuar a intensificar o bloqueio a Cuba, com as consequências que isso pode trazer para o nosso povo.

E há uma realidade: Cuba é um país de paz. A doutrina de defesa ou a doutrina militar do nosso país é a concepção da guerra de todo o povo, que é um conceito de defesa da soberania e da independência do país.

Para nada contempla, em nenhum momento, em nenhuma circunstância, em nenhum conceito, a agressão a outro país.

Não somos uma ameaça para os Estados Unidos.

Agora, aqueles que estão constantemente a falar de agressão e, acima de tudo, levantaram a retórica insultuosa sobre a possível agressão a Cuba tem sido o governo dos Estados Unidos neste momento.

Neste momento.

Nós, revolucionários, sabemos o que vale a pena defender uma revolução.

ATENÇÃO!

O INFORMA-SE 45

traz apenas uma pequena parte da entrevista (cerca de 30 minutos, de uma entrevista que durou 2 horas).

Para ouvir todas as perguntas, respostas e comentários assista a Coletiva de Imprensa na íntegra, nesse link:

<https://www.youtube.com/watch?v=PLjbrLbwjfM>

Transcrição feita por Turboscribe Ai
Tradução feita através do DeepL

Revisão, Edição e Diagramação
Lujan Maria Bacelar de Miranda